

A INTERTEXTUALIDADE NOSSA DE CADA DIA: O INTERTEXTO NO GÊNERO NOTÍCIA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

OUR DAILY INTERTEXTUALITY: THE INTERTEXT IN THE SCIENTIFIC NEWS GENRE

Kátia Roseane Cortez dos Santos*
Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo**

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo identificar como a intertextualidade se apresenta em um *corpus* constituído por 14 textos do gênero notícia de divulgação científica (mais especificamente seus sumários: o título e o lide), publicados na Revista Galileu entre 2015 e 2016. Para tanto, mobilizamos conceitos apresentados por autores como Antunes (2003; 2010), Koch, Bentes e Cavalcante (2007) e Marcuschi (2010). A partir das análises, observamos que, no caso dos intertextos que são provérbios ou expressões populares, a intertextualidade se dá implicitamente; já nos casos em que são retomados filmes, músicas etc., temos intertextualidade implícita ou explícita. Além disso, observamos que o recurso da intertextualidade serve a uma série de objetivos, todos regidos por uma finalidade maior: a venda de exemplares. Pode-se afirmar que a intertextualidade funciona como estratégia argumentativa para o alcance dessa finalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Critérios de textualidade; Intertextualidade; Gênero notícia de divulgação científica.

ABSTRACT: *This paper aims to identify how intertextuality is present in a corpus of 14 scientific news articles (more specifically its summaries: the title and the headline), published in the Revista Galileu between 2015 and 2016. For this purpose, we mobilize concepts presented by authors such as Antunes (2003; 2010), Koch, Bentes and Cavalcante (2007) and Marcuschi (2010). As a result of the analysis, we observe that, in the case of the intertexts that are proverbs or popular expressions, the intertextuality occurs implicitly; on the other hand, in cases in which movies, music, etc. are taken up, we observe implicit or explicit intertextuality. In addition, we note that the use of intertextuality serves a series of objectives, all governed by a greater purpose: the sale of copies. It may be said that intertextuality functions as an argumentative strategy for the attainment of this purpose.*

KEYWORDS: *Standards of textuality; Intertextuality; Scientific News genre.*

Introdução

A motivação para a realização deste estudo se deu em virtude do fato de que, embora haja muitas pesquisas na área de leitura que propõem propostas didáticas adequadas para a abordagem desse tema, ainda hoje encontramos contextos educacionais em que a leitura é

* Mestranda pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil. katiacortez_@hotmail.com.

** Professora da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil. diaslucian@yahoo.com / lcfdraimo@uem.br.

trabalhada de forma superficial, com o enfoque em atividades mecânicas de identificação e de decodificação do texto que não contribuem significativamente para o desenvolvimento dos alunos no que concerne às habilidades de leitura necessárias para compreensão global dos materiais. Assim, com o propósito de contemplar o texto em sua dimensão interacional, partimos de uma concepção de leitura como atividade de construção de sentido, que pressupõe não somente a interação autor-texto-leitor, mas na qual também “entram em cena os conhecimentos do leitor” (KOCH, 2009, p. 37)

Apoiando-nos, ainda, em Koch (2003, p. 26), entendemos o texto como “resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social”. Dessa forma, ao compreender o fenômeno da intertextualidade, precisamos tomá-la não somente como um dos fatores de textualidade, mas também como manifestação do funcionamento dialógico da linguagem, seja entre duas pessoas, entre pessoas e texto, entre textos, entre crenças materializadas nos textos (BAKHTIN, 2003).

Diante disso, analisamos neste trabalho 14 textos do gênero notícia de divulgação científica, publicados na Revista Galileu em diversas edições ao longo dos anos de 2015 e de 2016. Vale ressaltar que a análise contempla apenas o início dos textos, identificado como sumário, isto é, o título e o lide, os quais são investigados com o objetivo de identificar como a intertextualidade *strictu sensu* se apresenta nesses textos, uma vez que entendemos que a intertextualidade é um fenômeno muito presente em nossa sociedade e que o trabalho com esse tópico em sala de aula contribui de forma significativa para o desenvolvimento de habilidades de leitura do aluno.

Em relação à estrutura deste artigo, ele está organizado em quatro partes. Na primeira, apresentamos alguns conceitos que subjazem a análise do *corpus*: a concepção interacionista de leitura, posto que é à luz dessa perspectiva que realizamos todo o trabalho; o conhecimento prévio, por considerá-lo de extrema importância no processo de leitura e na compreensão da intertextualidade; os critérios de textualidade; e, por fim, a intertextualidade, apresentada pela perspectiva de diversos autores. Na seção seguinte, caracterizamos a Revista Galileu e especificamos o gênero notícia de divulgação científica. Em seguida, procedemos à análise de 14 sumários publicados na Revista Galileu entre novembro de 2015 a junho de 2016, demonstrando como a intertextualidade se faz presente em cada um deles, partindo das considerações de Koch, Bentes e Cavalcante (2007). Por fim, na última seção, traçamos algumas considerações finais sobre o trabalho.

2. Fundamentação teórica

2.1 Concepção interacionista de leitura e conhecimento prévio

Este trabalho assume como concepção de leitura aquela que compreende que a construção de sentidos ocorre na interação entre autor, texto e leitor, não havendo, portanto, uma hierarquia de relevância entre o autor e o leitor, como postulado em outras perspectivas. Diante disso, Leffa (1999) nos apresenta que, nesta concepção, denominada conciliatória, a leitura está baseada no texto (na forma e no conteúdo) e também no leitor, em seus conhecimentos prévios e expectativas, uma vez que é imprescindível que o leitor acione os conhecimentos que já possui para que possa realizar estratégias de previsão e inferências durante a leitura.

Antunes (2003) também opta por realizar suas reflexões e análises a partir da concepção interacionista de leitura e de língua, afirmando que “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor” (p. 66). Claro que as intenções pretendidas pelo autor nem sempre coincidem com a leitura realizada, uma vez que, ao mesmo tempo em que o leitor tenta reconstruir os sentidos veiculados no texto, também constrói novos significados, num processo ativo e cooperativo. Diante disso, é possível presumir a existência de leituras diferentes de acordo com cada leitor e de acordo com cada circunstância, não se admitindo apenas uma leitura única.

Sobre a importância do conhecimento prévio para a compreensão de um texto, Kleiman (1997) nos explica que, durante a leitura, vários níveis de conhecimento interagem: o conhecimento linguístico (do código linguístico), o conhecimento textual (sobre o gênero e a tipologia de um texto) e o conhecimento de mundo (ou conhecimento enciclopédico). Esses conhecimentos já adquiridos pelo leitor entram em ação conjuntamente para que ele construa sentidos para o texto, ou seja, compreenda-o.

Neste trabalho, exploraremos mais especificamente a relevância do conhecimento de mundo para a leitura, pois entendemos esse tipo de conhecimento prévio como essencial nos casos de intertextualidade, já que é preciso que o leitor conheça previamente o que está sendo referenciado pelo texto para que ele consiga sequer perceber que há intertextualidade (nos casos de intertextualidade implícita).

2.2 Critérios de textualidade

Por muito tempo uma questão ocupou os estudos de alguns teóricos do texto: o que faz de um texto um texto? Ou, nas palavras de Antunes (2010, p. 33) “o que um conjunto de palavras precisa ter para funcionar e ser identificado como um texto?”. Para responder a essa pergunta, desenvolveu-se o conceito de textualidade, que pode ser entendida como “*a característica estrutural das atividades sociocomunicativas* (e, portanto, também linguísticas) executadas entre os parceiros da comunicação”. (ANTUNES, 2010, p. 29, grifos da autora).

Apesar dessa definição, elaborada por Antunes em 2010, outros autores, como Beaugrande e Dressler, na década de 80, já haviam se debruçado sobre o assunto e proposto sete critérios ou propriedades de textualidade: a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade, a situacionalidade. (ANTUNES, 2010).

Sobre tais critérios, Marcuschi (2008) faz os seguintes apontamentos: dois critérios são orientados pelo texto (coesão e coerência); dois pelo aspecto psicológico (intencionalidade e aceitabilidade); um pelo aspecto computacional (informatividade); e dois pelo aspecto sociodiscursivo (situacionalidade e intertextualidade). Assim, segundo o autor, teríamos quatro aspectos por meio dos quais um texto pode ser verificado: língua, cognição, processamento e sociedade.

Já Antunes (2010) propõe uma organização diferente desses critérios. Ela os divide em dois grupos: o conjunto das propriedades que estariam relacionadas ao que ela chama de condições de efetivação do texto: intencionalidade, aceitabilidade e situacionalidade; e aquele grupo das propriedades que pertenceriam, mais diretamente, à construção do texto propriamente dito, ou seja, as propriedades do texto: coesão, coerência, informatividade e intertextualidade. Vejamos a seguir cada um deles.

Segundo Marcuschi (2008), o critério da intencionalidade está apoiado basicamente no emissor do texto, e a intenção desse emissor é considerada um fator importante para textualidade. Além disso, Marcuschi (2008) acrescenta: “é difícil identificar a intencionalidade porque não se sabe ao certo o que observar. Também não se sabe se ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos têm intenções” (MARCUSCHI, 2008, p. 127).

A aceitabilidade se refere à atitude do leitor do texto, ou seja, é um critério centralizado no receptor, o qual deve decidir se o texto é aceitável, considerando-o coerente e coeso, ou seja, passível de interpretação e possuidor de um significado (MARCUSCHI,

2008). Assim, um mesmo texto pode ser considerado aceitável por um leitor e inaceitável por outro. Entretanto, segundo Marcuschi (2008), esse critério apresenta um problema: “o problema da aceitabilidade é definir os seus limites: são eles por parte do sistema, da plausibilidade cognitiva ou da situacionalidade?” (MARCUSCHI, 2008, p. 128).

Para Marcuschi (2008), a situacionalidade está relacionada ao fato de sempre associarmos o evento textual à determinada situação, seja ela social, ambiental, cultural etc., na qual o texto está inserido. É preciso lembrar que situacionalidade não nos é útil apenas no momento de interpretar um texto, já que delimita os campos dentro dos quais determinado texto poder ser lido, mas também é importante no momento da própria produção do texto, sendo, por isso, o que o autor chama de critério estratégico.

De acordo com Antunes (2010), a coesão está relacionada à maneira pela qual os vários segmentos de um texto (as palavras, as orações, os períodos e os parágrafos) se encadeiam em um texto e, apesar de seus recursos serem vistos na superfície textual, a coesão não se dá apenas nesse nível, mas está fundamentada nas relações de sentido que são criadas entre os segmentos. Normalmente, distinguimos entre dois tipos de coesão: a coesão referencial (relacionada aos mecanismos de retomada de termos e ideias); e a coesão sequencial (ligada ao uso de elementos que conectam segmentos e ideias).

De acordo com Marcuschi (2008), a coerência não é uma propriedade que surge apenas a partir do texto, mas se estabelece com a interpretação que o leitor faz do texto, isto é, o mesmo texto pode ser coerente para um leitor e não o ser para outro. Para construir a coerência do texto, o receptor segue as pistas que o autor deixa explicitadas nas operações de coesão como “primeiros indicadores interpretativos” (MARCHUSCHI, 2008, p. 121). O autor ainda acrescenta:

A coerência é, sobretudo, uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados, em geral de maneira global e não localizada. Na verdade, a coerência providencia a continuidade de sentido no texto e a ligação dos próprios tópicos discursivos. Não é observável como fenômeno empírico, mas se dá por razões conceituais, cognitivas, pragmáticas e outras (MARCUSCHI, 2008, p. 121).

Para Antunes (2010), “a *informatividade* concerne ao grau de *novidade*, de *imprevisibilidade* que, em certo contexto comunicativo, o texto assume; concerne ainda ao efeito interpretativo que o caráter inesperado de tais novidades produz” (p. 36, grifos da autora). A autora também afirma que essa novidade pode estar relacionada a aspectos de forma (maneiras diferenciadas de expressar um enunciado) e a aspectos de conteúdo (novos



conceitos e informações). De todo modo, para fazer sentido para o leitor, todo texto tem de possuir certo grau de informatividade, mas é o contexto que determinará esse grau.

O último critério de textualidade é a intertextualidade. Devido aos propósitos deste artigo, a exposição dessa propriedade será realizada de forma mais detalhada, e, por esse motivo, as considerações sobre esse assunto se encontram na próxima seção.

2.3 Intertextualidade

A intertextualidade, num sentido mais estreito, ocorre quando há presença de um texto em outro. Segundo Antunes (2010), esse recurso é sempre uma estratégia argumentativa, uma vez que “quem recorre à palavra do outro, o faz para apoiar-se nessa palavra, ou para confirmá-la ou para refutá-la” (ANTUNES, 2010, p. 37).

Embora geralmente entendamos intertextualidade no sentido exposto acima, ou seja, como a referência direta a determinado texto que já circula socialmente, há diversos autores (como a própria Antunes (2010) e Marcuschi (2008)) que concebem todo texto como um intertexto, devido ao fato de ele “sempre ser parte de modelos, de conceitos, de crenças, de informações já veiculadas em outras interações anteriores” (ANTUNES, 2010, p. 37). Dessa forma, não haveria nenhum texto que não estivesse enlaçado nessa rede de intertextualidade, já que nenhum enunciado se constitui isoladamente de outros (MARCUSCHI, 2008).

A essa acepção mais ampla de intertextualidade, Koch, Bentes e Cavalcante (2007) dão o nome de “intertextualidade *lato sensu*” – em oposição à intertextualidade *strictu sensu*, da qual trataremos mais à frente. Também Authier-Revuz (1982 *apud* MARCUSCHI, 2008) faz distinção semelhante, nomeando de “heterogeneidade constitutiva” o fenômeno que consiste na dominação do discurso pelo interdiscurso, “o surgimento de um diálogo interno e que não necessariamente vem do exterior. Assemelha-se ao dialogismo bakhtiniano. Constitui-se no debate com a alteridade” (MARCUSCHI, 2008, p. 132), e de “heterogeneidade mostrada” a “presença de um discurso em outro discurso de modo localizável e identificável” (MARCUSCHI, 2008, p. 132), que pode se apresentar na forma não marcada (a paráfrase e a paródia, por exemplo) ou na forma marcada (com é o caso da citação com aspas ou da citação indireta identificada).

Neste artigo, trabalharemos com a noção de intertextualidade *strictu sensu*, que ocorre quando:

em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido,



que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos *efetivamente* produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação” (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 17, grifos das autoras).

Diante disso, as autoras fazem uma distinção entre intertextualidade temática x intertextualidade estilística, e intertextualidade explícita x intertextualidade implícita. O primeiro tipo é encontrado, por exemplo, nos textos pertencentes a uma mesma área do conhecimento, nas notícias de vários jornais que abordam o mesmo assunto, nas obras de um mesmo autor e nas novas versões de um filme (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007).

Já a intertextualidade estilística se faz presente quando o autor do texto reproduz ou subverte certos estilos de outros textos. Vale ressaltar que Koch, Bentes e Cavalcante não consideram que exista uma intertextualidade somente de forma, defendem que “toda forma necessariamente emoldura, *enforma* determinado conteúdo, de determinada maneira” (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 19, grifos das autoras). A intertextualidade explícita, por sua vez, dá-se quando o autor menciona a fonte do intertexto, ou seja, atribui a outro enunciador determinada passagem, “quando é reportado como tendo sido dito por outro ou por outros generalizados (“Como diz o povo...”, “segundo os antigos...”)” (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 17). Esse tipo de intertextualidade é bastante frequente em textos acadêmicos, resumos, traduções etc.

Por fim, tem-se a intertextualidade implícita, que se dá quando um texto está introduzido em outro sem que o autor mencione nenhuma indicação explícita da fonte, seja com o intuito de concordar com seu ponto de vista, seja para refutá-lo ou colocá-lo em questão. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante,

no primeiro caso, verificam-se paráfrases, mais ou menos próximas, do texto-fonte: é o que Sant’Anna (1985) denomina “*intertextualidade das semelhanças*”, e Grésillon e Maingueneau (1984) chamam de *captação*; no segundo, incluem-se enunciados parodísticos e/ou irônicos, apropriações, reformulações de tipo concessivo, inversão da polaridade afirmação/negação, entre outros (*intertextualidade das diferenças*, para Sant’Anna, 1985; *subversão*, pra Grésillon e Maingueneau, 1984) (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 30, grifos das autoras).

Diante do exposto, buscaremos, na próxima seção, analisar como a intertextualidade *stricto sensu* se faz presente em diversos textos do gênero notícia de divulgação científica,



publicados em diferentes edições da Revista Galileu, levantando algumas hipóteses sobre por que esse recurso surge com tanta frequência nesse periódico.

3 *Corpus*

A Revista Galileu foi criada em 1991, pela Editora Globo, inicialmente chamando-se Globo Ciência, e tinha a proposta de difundir informações a respeito de ciência e tecnologia de uma forma popular e acessível ao público não especializado, mas sem possuir um caráter juvenil. Em 1998, a revista Globo Ciência mudou seu nome para Galileu, modificando também seu projeto gráfico para algo mais acessível ao público jovem (PACHECO, 2008).

A revista tem periodicidade mensal (além das edições especiais sobre temas diversos), circulação nacional e, atualmente, sua tiragem é de cerca de 200 mil exemplares. Ademais, além de conteúdo produzido pela própria equipe da Galileu, a revista ainda apresenta textos traduzidos de periódicos internacionais, como a *New Scientist* e a *New York Magazine*.¹¹

Em relação ao gênero discursivo trabalhado neste estudo, vale destacar que, segundo Silva e Almeida (2005 *apud* ABREU; MASSI; QUEIROZ, s/d, p. 2), a divulgação científica (doravante DC) é um termo geralmente utilizado para identificar “textos não-escolares que circulariam ‘fora’ da escola [e do ambiente acadêmico] [...]. A divulgação científica representa, até certo ponto, o espaço público da relação entre a ciência e as pessoas”. Além disso,

Textos de PC [popularização científica, que aqui utilizaremos como sinônimo de DC], publicados em revistas como *New Scientist*, representam a atividade científica diferentemente daquela encontrada em artigos científicos (OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA; PAGANO, 2006; PAGANO, 1998, 2001), visto que aqueles apresentam uma organização retórica e um vocabulário simplificado, sem a densidade técnica dos textos acadêmico-científicos (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2009, p. 234-235).

Motta-Roth e Marcuzzo (2010) definem o gênero notícia de divulgação científica como os textos publicados por uma mídia que se autodefine como de DC, e que apresentam informações sobre uma pesquisa recente e de interesse para o público-alvo da notícia, sendo que apresentam duas partes:

o sumário (a manchete/o título e o lide) e a história propriamente dita, com 1) a situação, incluindo a) os episódios (os eventos principais ligados à

¹¹ Fonte: <http://www.revistas.com.br/revistas-cientificas.html>. Acesso em 16 mar. 2018.



pesquisa e suas consequências) e b) o pano de fundo (o contexto – circunstâncias e eventos prévios – e a história); e 2) os comentários, incluindo as reações verbais e as conclusões (as expectativas, as avaliações e o significado da pesquisa para a comunidade) (MOTTA-ROTH; MARCUZZO, 2010, p. 518, grifos nossos).

Neste ponto, é importante explicar que, neste artigo, analisaremos apenas a parte relativa ao sumário da notícia de DC, uma vez que é, primordialmente, nesse local que a intertextualidade se faz presente nos textos selecionados. Além disso, dada a quantidade de notícias analisadas neste estudo (14 notícias, que vão da edição número 292 novembro de 2015, até a 299, junho de 2016), por uma questão de espaço, seria inviável analisá-las por inteiro.

4 Análise

Nesta seção faremos a análise de 14 sumários de notícias de divulgação científica publicadas na Revista Galileu. É importante deixar claro que tal *corpus* é apenas uma amostragem, ou seja, existem diversos outros textos presentes nas edições selecionadas que apresentam intertextualidade; entretanto, devido à extensão física deste trabalho, não seria possível analisar todos eles. Ademais, o propósito deste estudo não é realizar uma análise exaustiva de todas as ocorrências de intertextualidade, mas investigar alguns casos em que o fenômeno se dá, apontando para a importância de se trabalhar mais atentamente com os diálogos intertextuais como recurso textual no processo de construção de textos.

Além disso, é preciso ressaltar também que as análises empreendidas aqui são fruto das leituras realizadas pelas autoras, leituras estas que estão diretamente relacionadas ao conhecimento prévio que elas possuem, e mais especificamente ao seu conhecimento de mundo. Dessa forma, outros leitores poderão realizar outras leituras diferentes das apresentadas neste artigo.

Feitas essas considerações, partimos para a análise propriamente dita. Para facilitar tal tarefa, dividimos as notícias em dois grandes grupos: de um lado, aquelas que apresentam intertextos cujas autorias são desconhecidas ou de difícil recuperação, como é o caso das notícias que fazem referências a ditos populares, provérbios etc.; de outro, os textos em que é possível atribuir a um ou a mais autores específicos a autoria do intertexto utilizado na notícia. Também fizemos uma distinção quanto ao fato de o intertexto estar implícito ou explícito. Por fim, consideramos que todas as amostras do *corpus* apresentam uma

intertextualidade do tipo estilística, nos termos de Koch, Bentes e Cavalcante (2007).

Sobre o primeiro grupo de textos, vejamos o que diz as autoras:

Nesses casos de enunciações de origem desconhecida, como provérbios, frases feitas, ditos populares, que fazem parte da cultura do povo e que se repetem anonimamente através do tempo, a fonte é um enunciador genérico, representante da sabedoria popular, da opinião pública (a “vox populi”, a quem Berrendonner (1981) denomina ON – em francês, o pronome indefinido *a gente, alguém*) (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 33).

Trata-se então do que as autoras chamam de “enunciações-eco”, de uma quantidade indefinida de enunciações prévias, que são abonadas por esse enunciador genérico e conhecidas pelos membros que fazem parte da comunidade em questão. Dessa forma, a recuperação do intertexto é quase inevitável. (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007). Vejamos os exemplos do *corpus*.

(1) Apressado come sal: a rapidez no preparo do miojo exige uma produção diferente e muito cloreto de sódio (REVISTA GALILEU, n. 292, nov. 2015, p. 32).

No enunciado acima, temos a referência ao ditado popular “Apressado come cru”, que aponta para as desvantagens em não ser paciente, isto é, quem não tem a paciência de aguardar a comida ser preparada, perde em comê-la crua. No enunciado da revista, observamos a manutenção dessa mesma ideia; entretanto, ao invés de comer a comida crua, o apressado a comeria com muito sal, uma vez que o miojo (o macarrão instantâneo, alimento famoso por demorar apenas 3 minutos para ficar pronto) possuiria uma grande quantidade de sódio.

É importante considerar que a leitura depende não somente do conhecimento prévio do provérbio, uma vez que a retomada de um intertexto que faz parte da memória social de uma coletividade propicia a construção de novos sentidos, já que estão inseridos em uma nova situação comunicativa. Nesse caso, a “pressa” não leva o sujeito a comer cru, mas a ingerir um alimento com muito sódio. O provérbio produz uma relação de proximidade com o leitor, ao trazer um texto-fonte que diz respeito ao saber popular. Ademais, a revista tenta criar um efeito catalisador no leitor, chamando sua atenção a uma prática comum do dia a dia, comer, cozinhar etc, e a divulgação científica.



(2) O amanhã a nós pertence: doutor em cosmologia, Luiz Alberto Oliveira fala sobre o Museu do Amanhã, que será inaugurado no Rio de Janeiro e pretende levar seus visitantes a refletir sobre a construção de futuros possíveis (REVISTA GALILEU, n. 293, dez. 2015, p. 70-71).

Diferentemente do anterior, o enunciado acima subverte o sentido original do ditado ao qual faz referência. Enquanto na máxima popular, “O amanhã a Deus pertence”, a responsabilidade do que acontecerá é atribuída a uma divindade, na revista, essa responsabilidade é afirmada como pertencente a nós, humanidade, já que o Museu do Amanhã pretenderia despertar em quem o visitasse a reflexão sobre a construção, por parte das pessoas, de diferentes amanhãs.

(3) Sua ligação é muito importante para nós: denúncias de casos de abuso contra mulheres aumentam no Brasil (REVISTA GALILEU, n. 294, jan. 2016, p. 19).

Aqui, não há modificação na materialidade linguística do intertexto, ou seja, na frase “sua ligação é muito importante para nós” – conhecida por ser uma forma típica de encerrar mensagens eletrônicas de empresas, normalmente acompanhada de “aguarde na linha” ou “obrigado/a” – não há substituição de palavras como nos exemplos discutidos anteriormente. Além disso, ainda que haja a manutenção do sentido de “importância da ligação”, há uma modificação crucial no contexto dessa ligação. Passamos do âmbito do mero agradecimento educado direcionado a interlocutores diversos, mas não necessariamente real, para a acentuação da importância de se denunciar os casos de abuso contra mulheres. O “nós” do enunciado da revista poderia, então, ser interpretado não como o “nós” de uma empresa, mas referindo-se às próprias mulheres que foram, são ou podem vir a ser vítimas de abuso.

(4) A oitava maravilha: Quentin Tarantino dá oito motivos para assistir a Os oito odiados em 7 de janeiro (REVISTA GALILEU, n. 294, jan. 2016, p. 25).

Neste enunciado o que se tem é uma referência não a um ditado ou a uma frase proferida por alguém desconhecido, mas a um conceito, às “Sete maravilhas do mundo” (antigo, medieval e moderno), que consistem em grandes construções ou monumentos criados

por mãos humanas. Como tal conceito constitui nossa memória social e cultural e pode ser facilmente recuperado pelo leitor, no enunciado da revista, essa ideia é recuperada para indicar que a recente obra de Quentin Tarantino seria a “oitava maravilha do mundo”. Além disso, há um jogo com a repetição do número oito: oitava maravilha, oito motivos, os oito odiados. Dessa forma, embora o sentido do intertexto seja mantido na revista, ele é ampliado, num movimento quase de hipérbole, em que o filme de Tarantino poderia estar incluído na lista de “grandes obras humanas”.

(5) O sol arde para todos: entenda como o filtro solar garante a proteção da sua pele (REVISTA GALILEU, n. 294, jan. 2016, p. 32).

Assim como em outros enunciados, aqui há uma operação sobre o texto-fonte a partir da substituição da forma verbal “nasce” para a forma “arde”. Nesse caso, porém, temos uma mudança de sentido, uma vez que a palavra modificada é um termo essencial para o sentido do texto: o verbo. Enquanto há no dito popular uma linguagem conotativa, metafórica, que remete o nascer do sol a um novo começo, à esperança de um novo dia, uma oportunidade outra para alcançar os objetivos traçados etc.; no enunciado da revista, a linguagem passa a ser denotativa, isto é, o sol arde porque queima a pele das pessoas, e, por isso, a importância do filtro solar. Apesar dessa dissonância, há um aspecto que é mantido em ambos os textos: o caráter democrático do sol, pois, assim como ele nasce *para todos*, ele também arde *para todos*, sem distinções.

(6) Todos os dias são do caçador: o tráfico de animais e plantas já é o quarto maior mercado ilícito do planeta – um único rinoceronte pode render US\$ 400 mil (REVISTA GALILEU, n. 294, jan. 2016, p. 69).

O texto acima apresenta intertextualidade com o dito “Um dia da caça, outro do caçador”, cujo sentido é subvertido pela revista, uma vez que ao enunciar “todos os dias são do caçador”, a ideia de “igualdade de oportunidades”, por assim dizer, é substituída pelo favorecimento de um dos elementos da oposição: o caçador. Além disso, observamos que o ditado apresenta um tom metafórico, característico, aliás, desse tipo de texto, pois seu significado pode ser entendido e aplicado em diversos contextos. Ao contrário, o texto da revista tem um



cunho denotativo, pois o “caçador” é realmente quem caça os animais (e plantas) que são vendidos posteriormente no mercado ilegal. Todos os dias são dele, porque as “caças” são sempre as vítimas da situação. Assim, a recuperação do provérbio, na notícia de divulgação científica, tem efeito argumentativo na relação com o leitor, pois a força argumentativa do título saturada de sentidos de que a prática da caça é diária e devastadora, está a favor da proteção do meio ambiente e à defesa da fauna e flora.

(7) Atenção, senhores passageiros: atentados terroristas apertaram as regras de segurança nos aeroportos e criaram tecnologias de inspeção de bagagens (REVISTA GALILEU, n. 295, fev. 2016, p. 13).

É interessante notar a função do intertexto no enunciado acima. Nesse caso, ele está presente não para que seu sentido seja reafirmado, contrariado ou modificado, mas para que, quando o leitor da revista veja “atenção, senhores passageiros”, o esquema mental da situação “viagem de avião” seja ativado em sua mente, visto que essa é uma frase comumente dita pelo(a) comissário(a) de bordo aos passageiros de um avião. Dessa forma, o leitor já pode prever que o assunto abordado na notícia se refere a algo relacionado a esse evento, como as ideias de “viagem”, “avião”, “aeroporto”, “bagagem”.

Diante desses sete enunciados, percebe-se também que todos eles apresentam o tipo de intertextualidade implícita, pois não há menções do tipo “como diz o ditado”, “como dizem os antigos” etc., ou citação expressa da fonte. No dizeres de Koch, Bentes e Cavalcante (2007):

Nos casos de intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, (p. 30) pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mais particularmente, é claro, no caso da subversão. Também nos casos de captação, a reativação do texto primeiro se afigura de relevância; contudo, por se tratar de uma paráfrase, mais ou menos fiel, do sentido original, quanto mais próximo o segundo texto for do texto-fonte, menos é exigida a recuperação deste para que se possa compreender o texto atual (embora, é claro, tal recuperação venha incrementar a possibilidade de construção de sentidos mais adequados ao projeto de dizer do produtor do texto) (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 31).

Em outras palavras, como, em tese, os ditados e expressões populares são de conhecimento de todos os membros de dada comunidade, o autor dos enunciados da revista espera que seu leitor seja capaz de recuperar os intertextos e compreender o sentido



pretendido ou os deslocamentos de sentidos produzidos ao evocar tais referências. Caso o leitor não consiga estabelecer tal relação, sua leitura da notícia não será impedida, visto que no próprio sumário (no lide) já há uma introdução sobre o tema da notícia; no entanto, se a relação não for estabelecida, a leitura será prejudicada significativamente.

Em se tratando do outro grupo de textos selecionados para esta análise – isto é, aquele que contém os enunciados que remetem a intertextos de origem identificável (falas de personalidades conhecidas, textos literários, publicitários, políticos, bordões de humoristas, nomes de filmes, livros etc.) – Koch, Bentes e Cavalcante (2007) afirmam que, nesses casos,

[...] o reconhecimento do intertexto é menos garantido, visto que depende da amplitude dos conhecimentos que o interlocutor tem representados em sua memória. A não apreensão do texto-fonte, nesses casos, empobrece a leitura ou praticamente impossibilita a construção de sentidos próximos àqueles previstos na proposta de sentido do locutor (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007, p. 35).

Uma vez que a possibilidade, por parte do leitor, de reconhecer o intertexto é menor nessas situações, muitas vezes é preciso citar a fonte do intertexto, o que justificaria a ocorrência de dois enunciados com intertextualidade explícita no conjunto de textos analisados. Vejamos:

(8) Caminho das Índias: a parceria entre o guitarrista do Radiohead e o diretor Paul Thomas Anderson rendeu um documentário musical bem diferente das novelas de Glória Perez (REVISTA GALILEU, ed. 292, nov. 15, p. 27).

Nesse enunciado, o intertexto retomado é o nome de uma das novelas de Glória Perez, Caminho da Índias, que foi ao ar em 2009, na emissora Globo. No lide da notícia, notamos menção à expressão nominal “novelas de Glória Perez”, o que facilita a recuperação, por parte do leitor, do intertexto. É possível perceber também que tal menção não é feita gratuitamente: a indicação só aparece explicitamente porque o autor propõe uma comparação entre o documentário musical e as novelas da autora, salientando o quanto as duas produções são diferentes. Portanto, para fazer tal comparação, foi necessário expor os objetos comparados: o documentário musical e as novelas. Nesse caso, diferentemente dos exemplos analisados até o momento neste artigo, para compreender a relação entre o intertexto e o fato noticiado, o leitor precisa continuar a leitura para além da parte denominada sumário, uma vez que a



informação de que o documentário musical foi gravado na Índia só aparece no corpo da notícia.

(9) O Estado sou eu: é uma frase atribuída ao rei francês Luís XIV, mas, ao que tudo indica, Mark Zuckerberg quer reivindicá-la (REVISTA GALILEU, n. 298, mai. 2016, p. 8-9).

No enunciado acima, diferentemente do caso anterior, o lide não traz um resumo do fato noticiado, mas cria um suspense sobre como Zuckerberg se relacionaria à frase “o Estado sou eu”. A menção à autoria, nesse caso, poderia ser omitida, entretanto pode-se levantar a hipótese de que ela esteve presente para asseverar que a referência seria compreendida pelo leitor e para reforçar a “reivindicação” de Zuckerberg.

(10) As desvantagens de ser invisível: como é a discriminação de pessoas trans nos EUA, onde há pesquisa sobre tema (REVISTA GALILEU, n. 292, nov. 2015, p. 49).

Partindo agora para os enunciados em que há intertextualidade implícita, observamos no texto acima que o título da notícia nos remete ao filme “As vantagens de ser invisível” (*The Perks of Being a Wallflower*, 2012). Notamos, também, que há uma mudança no sentido original do enunciado, uma oposição entre “vantagem” e “desvantagem”, uma vez que, no contexto da notícia, a discriminação contra pessoas trans tem como uma das causas a invisibilização que tais pessoas sofrem perante a sociedade.

(11) Estrela da Morte dos mares: projeto da Marinha Britânica cria uma supermáquina de guerra (REVISTA GALILEU, n. 295, fev. 2016, p. 18).

Aqui a referência é feita à estação espacial “Estrela da Morte”, uma estação bélica com a capacidade de destruir um planeta inteiro e que faz parte do universo ficcional dos filmes Star Wars. Na revista, a estação é resignificada, ao receber o caracterizador “dos mares”: a supermáquina de guerra da Marinha Britânica é comparada à estação espacial no quesito poder de destruição. Vale ressaltar que o público que consome a revista é primordialmente jovem, interessado em ciência e tecnologia e que possivelmente tenha preferências por filmes de ficção científica, por isso o autor supõe que o intertexto seja de conhecimento do leitor.



(12) Revolução dos bichos: os personagens da Disney sempre foram fofos, mas a evolução no design é inegável, como mostra o filme Zootopia: essa cidade é o bicho, que estreia 18 de fevereiro (REVISTA GALILEU, n. 295, fev. 2016, p. 20).

“A revolução dos bichos” é um romance do escritor inglês George Orwell, publicado em 1945. George Orwell é bem conhecido no universo *nerd* pela obra “1984”, mas é comum que seus leitores também conheçam o livro referenciado na revista. Dessa forma, novamente temos um caso em que o autor analisa o público-alvo da revista e considera que esse público específico pode estar familiarizado com o intertexto, e, por isso, não é necessário explicitar sua origem.

(13) De volta para o passado: número de caso de sífilis triplica nos anos 2000 graças a falta de cuidado com prevenção (REVISTA GALILEU, n. 295, fev. 2016, p. 35).

Aqui temos uma referência ao filme “De volta para o futuro” (*Back to the future*, 1985), muito famoso entre os fãs de ficção científica. No enunciado da revista, seu sentido original é modificado, já que o título passa a ser “De volta para o passado”, fazendo-se a alusão de que no passado as taxas de casos de sífilis eram muito altas e que, agora, como elas voltaram a aumentar, estaríamos de volta a esse passado de poucos cuidados com a saúde.

(14) Tá tranquilo, tá favorável: ciência e soluções estão em alta: crise não quebrou as pernas das *startups* nacionais de tecnologia, como a 99Taxis (REVISTA GALILEU, n. 299, jun. 2016, p. 16).

Nesse último texto, o intertexto é o título da música “Tá tranquilo, tá favorável”, do Mc Bin Laden, uma música que estava muito em alta no período do lançamento dessa edição da revista. Aqui o intertexto não é modificado, seu sentido é mantido, uma vez que a relação que se estabelece é que, ao contrário do que se esperava, a crise econômica no Brasil não afetou as *startups* nacionais de tecnologia, por isso, para essas empresas, a situação está “tranquila e favorável”.

Conclusão



Após o gesto de analisar os 14 textos selecionados para este trabalho, observamos que o recurso da intertextualidade está muito presente na Revista Galileu nas edições analisadas, sendo que os textos retomados por meio desse recurso são de dois tipos: provérbios, ditados ou expressões populares; e textos que se caracterizam por serem falas de grandes figuras históricas, músicas, filmes etc.

Sobre os textos do primeiro tipo, constatamos que eles aparecem de forma implícita em todos os enunciados do *corpus* analisado. Isso porque, como tais expressões são de conhecimento geral dos membros de determinadas comunidades, é mais provável que eles as conheçam, não havendo a necessidade de usar expressões como “segundo o ditado popular”, “como diziam os antigos” etc.

Já no que concerne aos intertextos referentes a músicas, filmes etc., o que observamos é que a intertextualidade se deu implicitamente ou explicitamente, de acordo com os propósitos comunicativos do autor. Ele pôde ter explicitado a origem do intertexto tanto porque considerou que seus leitores não fossem capazes de recuperar a referência realizada, como para fazer algum tipo de comparação ou ressaltar determinada informação. Já nos textos que apresentam intertextualidade implícita, o que se nota é que os textos retomados foram aqueles que o autor possivelmente avaliou como pertencentes ao conhecimento prévio do leitores que compõem o público-alvo da revista (jovens interessados em ciência, tecnologia e atualidades), como filmes de ficção científica, livros do universo *nerd* e músicas que estão em alta naquela situação comunicativa.

Consideramos que o recurso da intertextualidade, nos casos analisados, possui algumas finalidades: chamar a atenção do leitor da revista para a notícia, uma vez que o jogo com o intertexto torna o enunciado atrativo, interessante, e gera curiosidade no leitor; dar à notícia um tom mais relaxado, às vezes de humor, deixando a linguagem da revista mais descontraída; e, por fim, tentar aproximar o leitor do que está sendo noticiado, trazendo as vivências do cotidiano dos leitores para dentro da revista, com o intuito de quebrar a distância que normalmente se coloca entre a ciência e o dia a dia das pessoas.

Considerando a lógica mercadológica em que a Revista Galileu produz seus textos, na qual se objetiva a venda de exemplares, não podemos deixar de comentar que a intertextualidade funciona no sentido de fortalecer a argumentação, visto que os diálogos intertextuais são recursos a partir dos quais se intenciona convencer o leitor a aderir ao mesmo ponto de vista da revista. Além disso, o uso de referências ligadas ao universo *pop* (filmes,

músicas, figuras públicas) também são facilmente reconhecidas pelos leitores e criam um efeito de proximidade com o público-alvo da revista.

Dessa forma, a intertextualidade, além de se constituir como fundamental na produção de sentidos, pode ser vista como um recurso argumentativo, que contribui para que um dizer produza certos efeitos e não outros. Também salientamos que o diálogo intertextual, em alguns casos, pode subverter o texto-fonte, e, em outros, pode ratificar a pretensa produção de um dado sentido. Nesse sentido, acreditamos que compreender a relação entre o texto-fonte e outros sentidos que esse texto pode ganhar é uma prática sedutora e instigante na leitura.

Assim, apontamos para a necessidade do trabalho com a intertextualidade em sala de aula, não como um mero reconhecimento e exercício de classificação, mas como processo no qual precisamos ouvir os diálogos que ressoam entre os textos, dar escuta a outros sentidos produzidos nesse encontro de vozes, compreender a intenção na retomada de um intertexto; enfim, dar visibilidade à intertextualidade como fator constitutivo e fundante da produção dos sentidos.

Referências

- ABREU, L. N.; MASSI, L.; QUEIROZ, S. L. *Textos de divulgação científica no ensino superior de química*. s/d. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/download/37695/28866>>. Acesso em 11 out. 2016.
- ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São. Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003
- KOCH, I. G.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, V. J.; PEREIRA, A. E (org.) *O ensino da leitura e produção textual*. Pelotas: Educat, 1999.
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v10n3/a02v10n3>>. Acesso em 11 out. 2016.
- PACHECO, C. G. As metáforas no jornalismo científico: análise das revistas Superinteressante e Galileu. *Revista Eletrônica Temática*. 19 ago. 2008. Disponível em <www.insite.pro.br/2008/23.pdf>. Acesso em: 11 out. 2016.

Periódicos

REVISTA GALILEU. *A oitava maravilha*. São Paulo, Globo, n. 294, p. 25, jan. 2016.



- REVISTA GALILEU. *Apressado come sal*. São Paulo, Globo, n. 292, p. 32, nov. 2015.
- REVISTA GALILEU. *As desvantagens de ser invisível*. São Paulo, Globo, n. 292, p. 49, nov. 2015.
- REVISTA GALILEU. *Atenção, senhores passageiros*. São Paulo: Globo n. 295, p. 13, fev. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Caminhos das Índias*. São Paulo, Globo, n. 292, p. 27, nov. 2015.
- REVISTA GALILEU. *De volta para a o passado*. São Paulo, Globo, n. 295, p. 35, fev. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Estrela da Morte dos mares*. São Paulo, Globo, n. 295, p. 18, fev. 2016.
- REVISTA GALILEU. *O amanhã a nós pertence*. São Paulo, Globo, n. 293, p. 70-71, dez. 2015).
- REVISTA GALILEU. *O Estado sou eu*. São Paulo, Globo, n. 298, p. 8-9, mai. 2016.
- REVISTA GALILEU. *O sol arde para todos*. São Paulo, Globo, n. 294, p. 32, jan. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Revolução dos bichos*. São Paulo, Globo, n. 295, p. 20, fev. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Sua ligação é muito importante para nós*. São Paulo, Globo, n. 294, p. 19, jan. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Tá tranquilo, tá favorável*. São Paulo, Globo, n. 299, p. 16 jun. 2016.
- REVISTA GALILEU. *Todos os dias são do caçador*. São Paulo, Globo, n. 294, p 69, jan. 2016.

Recebido em: 15/06/2017

Aceito em: 18/11/2017